

## OS PAPÉIS DO *ONDE* NO DISCURSO

### THE ROLES OF *ONDE* (WHERE) IN DISCOURSE

Larissa Machado Pereira<sup>1</sup>  
Gleison Pereira Torres<sup>2</sup>  
Talita Hapuque dos Santos<sup>3</sup>  
Arabie Bezri Hermont<sup>4</sup>

#### RESUMO

Partindo da premissa de que a língua é heterogênea, variável e seu estudo não se esgota na análise de propriedades intrínsecas, o presente estudo analisa o processo pelo qual o item *onde*, qualificado pela gramática normativa como pronome relativo, advérbio relativo e advérbio interrogativo, vem passando há alguns anos, sendo este denominado *processo de gramaticalização*. O *processo de gramaticalização* é o caminho percorrido por uma palavra, ao longo do qual ela muda de categoria sintática, sofre alterações semânticas, morfológicas, fonológicas etc. Desde as séries iniciais, o que se tem observado nas aulas de português em termos de ensino da escrita está estritamente ligado ao uso conveniente da norma padrão, o qual, muitas vezes, desconsidera os fenômenos da língua. Neste sentido, investigar o funcionamento do *onde* no discurso em comparação ao seu funcionamento normativo se torna caro para nós, pois esta prática nos possibilita ampliar a nossa compreensão em relação ao processamento discursivo, que, muitas vezes, ultrapassa o nosso conhecimento normativo gramatical. Para tanto, apoiamos-nos nos autores Castilho (2004), Costa Val (2004) e Marinho (1998, 1999, 2002, 2005), os quais discutem o uso da língua sob uma perspectiva linguística, e os autores Cegalla (2007), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009), os quais discutem o uso da língua numa perspectiva normativa. Para compor o *corpus* deste estudo, foram selecionados dez excertos retirados de textos acadêmicos para serem analisados. Ao fim do estudo, concluímos que o item *onde* está exercendo diferentes papéis dos prescritos pela gramática normativa, mas sem perder sua propriedade locativa, que, muitas vezes, vem na forma de local abstrato/nocional, retomando lugares não físicos.

**Palavras-chave:** Discurso. Gramática normativa. O item *onde*.

#### ABSTRACT

Starting from the premise that language is heterogeneous, variable and its study is not exhaustive in the analysis of intrinsic properties, the present study analyzes the process by which the item *onde* (where), qualified by normative grammar as relative pronoun, relative adverb and interrogative pronoun, has been passing through some years, being called the *grammaticalization process*. The *grammaticalization process* is the path taken by a word,

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela PUC Minas. E-mail: [larissapal@hotmail.com](mailto:larissapal@hotmail.com) e [larissapal18@gmail.com](mailto:larissapal18@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Letras pela PUC Minas. E-mail: [gleisonblavatsky90@gmail.com](mailto:gleisonblavatsky90@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Letras pela PUC Minas. E-mail: [hapuquetalita@gmail.com](mailto:hapuquetalita@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Letras. Coordenadora do Curso de Letras da PUC Minas. E-mail: [arabie@uol.com.br](mailto:arabie@uol.com.br)

along which it changes syntactic category, undergoes semantic, phonological, morphological changes etc. From the early grades what has been observed in Portuguese classes in terms of teaching writing is strictly linked to the convenient use of the standard norm, which often disregards the phenomena of language. In this sense, investigating the functioning of *onde* in discourse compared to its normative functioning becomes relevant for us, as this practice enables us to broaden our understanding of discursive processing, which often goes beyond our normative grammatical knowledge. To this end, we rely on the authors Castilho (2004), Costa Val (2004) and Marinho (1998, 1999, 2002, 2005), who discuss the use of language from a linguistic perspective, and the authors Cegalla (2007), Cunha and Cintra (2008) and Bechara (2009), who discuss the use of language in a normative perspective. To compose the *corpus* of this study, we selected ten excerpts from academic texts to be analyzed. At the end of the study, we conclude that item *onde* is playing different roles than prescribed by normative grammar, but without losing its locative property, which often comes in the form of abstract / notional place, retaking nonphysical places.

**Keywords:** Discourse. Normative grammar. The item *onde*.

## INTRODUÇÃO

Há alguns anos tem-se observado que o uso do *onde* vem passando pelo que a linguística chama de *processo de gramaticalização*. Segundo Castilho (2004), o *processo de gramaticalização* pode ser entendido como “o caminho percorrido por uma palavra, ao longo do qual ela muda de categoria sintática, recebe propriedades funcionais na oração, sofre alterações semânticas, morfológicas e fonológicas, e inclusive desaparece, como consequência de uma cristalização extrema” (CASTILHO, 2004, p. 128).

Não tão difícil de ser observado, este fenômeno está presente não só no que diz respeito à fala, mas manifestando-se também na escrita. Mesmo em contextos bastante formais, como o da escrita acadêmica, estudos apontam que o uso do *onde* vem tomando diferentes formas e exercendo funções distintas das previamente estabelecidas pela gramática normativa.

De acordo com as gramáticas normativas pesquisadas — Cegalla, 2007; Cunha e Cintra, 2008; e Bechara, 2009 — o item *onde* pode ser utilizado em apenas quatro situações, que serão explicitadas na próxima seção deste artigo. Já em uma perspectiva linguístico-discursiva, Marinho (1998, 1999, 2002, 2005) aponta que este item vem sendo utilizado em um número maior de situações, com diferentes funções das normativamente prescritas, as quais também serão discutidas na próxima seção do artigo.

Neste sentido, torna-se caro para nós investigar o funcionamento do *onde* no discurso em comparação ao seu funcionamento normativo, pois essa prática nos possibilita ampliar a nossa compreensão em relação ao processamento discursivo, que, muitas vezes, ultrapassa o nosso conhecimento normativo gramatical. Para tanto, este artigo tem como objetivos: apontar as funções do *onde* de acordo com a gramática normativa; investigar os usos do *onde* em textos de origem acadêmica; identificar nesses textos usos do *onde* que não se aplicam ao que está prescrito na gramática normativa; investigar as funções que esses usos exercem no funcionamento do texto e do discurso, e comparar os usos do *onde* prescritos pela gramática normativa com os usos do *onde* decorrentes do processo discursivo.

Para tal pesquisa, selecionamos dez excertos retirados de textos acadêmicos, dentre os quais sete deles foram publicados na plataforma *Google Scholar* (Google Acadêmico) e os outros três foram retirados de textos estudados em disciplinas realizadas no 5º período do curso de Letras da PUC Minas.

A fim de corroborar nossa análise, tomamos como quadro teórico as noções de textualização, coesão e coerência discutidas por Costa Val (2004), o conceito de *processo de gramaticalização* trazido por Castilho (2004), as funções do item *onde* de acordo com as gramáticas normativas citadas acima e os estudos do *onde* numa perspectiva discursiva, tendo como base pesquisas feitas por Marinho (1998, 1999, 2002, 2005).

Enfim, este estudo organiza-se em cinco seções: na primeira, configuramos esta *Introdução*; na segunda, apresentamos a *Fundamentação Teórica*; na terceira, trazemos a *Metodologia* de pesquisa; na quarta, fazemos a *Análise do Corpus* e, na quinta, apresentamos algumas *Considerações Finais* sobre o estudo em questão.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Desde as séries iniciais, o que se tem observado nas aulas de português em termos de ensino da escrita está estritamente ligado ao uso conveniente da norma padrão. Fatores constitutivos da textualidade, como a coerência e a coesão, têm muitas vezes se limitado ao

uso adequado de *mecanismos coesivos* para que se possa garantir o processo de textualização<sup>5</sup>.

Costa Val (2004), ao rever seus estudos sobre textualidade e textualização, ressignifica os conceitos de coerência e coesão a partir dos princípios de textualização propostos por Beaugrande e Dressler (1981) e Beaugrande (1997). A coerência passa a ser vista como um princípio de textualização que funciona atrelado e articulado a outros fatores, sendo ela co-construída pelos interlocutores e dependente da co-construção da *coesão*, da *situacionalidade*, da *intencionalidade*, da *aceitabilidade*, da *informatividade* e da *intertextualidade*. Assim, um texto coerente depende da avaliação e da aceitabilidade dos interlocutores, na medida em que estes percebem que os recursos linguísticos utilizados estão integrados num todo inteligível (coesão), que lhes pareça adequado à situação em que ocorre e apropriado às intenções do locutor diante dos ouvintes ou leitores a que se destina. Em relação à coesão textual, a autora nos aponta que esta não é uma característica que já vem pronta no texto, mas é um princípio de textualização que as pessoas aplicam aos textos com o intuito de atribuir sentido à sequência de palavras e frases com que se deparam. Por este fator é que a coesão textual pode se valer de diferentes recursos (linguísticos) e de diferentes usos desses recursos dependendo do tipo de situação, de para quem e para quem se fala.

Em consonância com os conceitos expostos acima, o que se pretende mostrar é que certos *mecanismos coesivos* não estão sendo mais utilizados de acordo com o que prescreve a norma padrão, mas, ainda assim, em determinados contextos e a depender dos interlocutores, é possível conferir sentido aos textos nos quais esses mecanismos estão sendo empregados. Nesse estudo em específico, tomamos como foco o item *onde*, o qual foi estudado por Hadermann (1993), Kersch (1996), Marinho (1998, 1999, 2002, 2005) e que, há alguns anos, vem passando pelo que a linguística chama de *processo de gramaticalização*.

Por *processo de gramaticalização* entende-se que é “o caminho percorrido por uma palavra, ao longo do qual ela muda de categoria sintática, recebe propriedades funcionais na oração, sofre alterações semânticas, morfológicas e fonológicas, e inclusive desaparece, como consequência de uma cristalização extrema” (CASTILHO, 2004, p. 128). Neste

---

<sup>5</sup>O processo de textualização deve ser entendido como um componente do saber linguístico das pessoas e não como algo que está nos textos, uma vez que as pessoas sabem que, para um conjunto de palavras constituir um texto, é preciso que esse conjunto pareça aos interlocutores um todo articulado e com sentido, pertinente e adequado à situação de interação em que ocorre (COSTA VAL, 2004, p. 3).

sentido, quando se trata do item *onde*, observa-se que este fenômeno tem se manifestado na fala e na escrita, inclusive em contextos formais, como o da escrita acadêmica, nos quais o uso do *onde* vem tomando diferentes formas e exercendo distintas funções das previamente estabelecidas pela gramática normativa.

De acordo com as gramáticas normativas da língua portuguesa, o item *onde* é considerado como um pronome relativo que se refere, de maneira geral, a um termo anterior e que serve de elo subordinante da oração que inicia. Cegalla (2007, p. 185), diz que “*Onde*, como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a *em que*: A casa onde moro foi de meu avô. [*onde* = em que]”. Já os autores Cunha e Cintra (2008), e Bechara (2009), assumem que o *onde* também pode ser visto como um pronome relativo sem antecedente, também denominado *relativo indefinido*, admitindo a existência de um antecedente interno que pode ser interpretado como *o lugar em que*. Assim, em casos como “passeias **onde** não ando” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 360) e “Moro *onde* mais me agrada” (BECHARA, 2009, p. 172) o item *onde* pode ser facilmente substituído por “passeias **no lugar em que** não ando” e “moro **no lugar em que** mais me agrada”. O *onde* também costuma ser considerado por esses autores — Cunha e Cintra (2008), e Bechara (2009) — como advérbio relativo de lugar, justamente por desempenhar a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual). Por fim, em Cunha e Cintra, e em Cegalla, o item também está arrolado como advérbio interrogativo de lugar. Como pode ser observado, de acordo com as gramáticas normativas, o item estudado sempre expressa a ideia de lugar (físico), sendo assim, os usos que fogem às situações descritas acima são considerados pelos normativistas como usos inadequados da língua.

Em uma perspectiva linguística, Marinho (1999) já apontava em seus estudos o item *onde* sendo utilizado com funções diferentes daquelas que prescrevem as gramáticas normativas. Após a análise de diversos textos, a autora registra diferentes funcionamentos deste item, os quais estão descritos a seguir: o *onde* como advérbio relativo — elemento anafórico que recupera outro elemento numa sentença —, porém retomando um termo sem referência a *lugar em que*, sendo empregado ora no lugar de *em que*, ora no lugar de *quando*, como pode ser observado em “O verso em Whitman, é feito de enumerações e paralelismos. Whitman inovou na poesia numa época *onde* tudo o mais já tinha mudado.”<sup>6</sup>; o *onde* atuando

---

<sup>6</sup> (MARINHO, 1999, p. 165)

como *conector o qual*, responsável pela retomada de um referente e estabelecendo uma relação de *explicação/justificação*, ou relações de *proporcionalidade* e de *mediação* entre as proposições na condição de item remissivo, retomando não um elemento, mas a ideia expressa na sentença que o precede, como observado em “A intertextualidade foi outro critério adotado, *onde* se pudesse observar em que medida o conhecimento ou não de outros textos interferiria na leitura.”<sup>7</sup>; o *onde* atuando sem um referente explícito ou latente, ou com um referente ambíguo que não é facilmente identificável no texto, como verifica-se em “Qualquer comunicação é feita mediante regras naturais interior dos falantes *onde* as regras cultas são dispensáveis.”<sup>8</sup>; o *onde* como articulador que estabelece uma relação coesiva entre proposições, como exemplifica-se em “Geralmente são três os entrevistados *onde* cada entrevista é separada pelo tempo comercial e ao final do programa há quase sempre uma apresentação musical.”<sup>9</sup>; e enfim, o *onde* funcionando na organização e no sequenciamento do discurso e não conforme a descrição das gramáticas do português padrão, apenas relacionando duas orações, representando um item já referido na oração anterior, como percebe-se em “A indústria brasileira, especificamente a mineira, atingiu determinado estágio *onde*, sem dúvida nenhuma, podemos ser considerados atores importantes no cenário do mercado mundial industrial.”<sup>10</sup>.

Apesar de a tradição gramatical ter atribuído um valor semântico de localização física do uso do *onde*, Marinho (2005) ainda nos aponta em outros estudos que, no que diz respeito aos usos desse item, tem se atribuído a ele outras acepções como as de lugar abstrato, nocional, evento e tempo, não o limitando necessariamente à expressão de lugar físico. Tais acepções vêm a partir de Kersch (1996), que denomina lugar abstrato e nocional “uma noção de espaço abstrata, por ser apenas do domínio das ideias.” A título de exemplo, podemos verificar no trecho a seguir<sup>11</sup> que o *onde* retoma não um lugar físico, como o convencional, mas um lugar abstrato, caracterizado como “estágios de produção textual”:

- (a) Por terem se tornado importantes nesta turma, discuto, a seguir, os conceitos de voz do autor e de marcas linguísticas, bem como a importância que esses conceitos possuem, em termos mais gerais, à medida que os alunos migram

---

<sup>7</sup> (Ibidem, p. 166)

<sup>8</sup> (Ibidem, p. 166)

<sup>9</sup> (Ibidem, p. 166)

<sup>10</sup> (Ibidem, p. 167)

<sup>11</sup> Trecho retirado de Artigo Acadêmico publicado na Plataforma *Google Scholar* (Google Acadêmico). Este mesmo trecho será discutido e analisado por nós na Análise do Corpus deste artigo.

de estágios da produção textual *onde* os critérios parecem mais evidentes para estágios *onde* os critérios parecem mais “escondidos”.

Marinho (2005) também nos apresenta alguns estudos, como o de Hadermann (1993) — estudo morfossintático da palavra *où*, *onde* em francês — que aponta para a dificuldade que os linguistas têm em classificar essa palavra, já que ela se insere em diversos paradigmas. Ao citar o estudo de Kersch (1996), a autora nos mostra que o item *onde* recebe tratamento diferenciado por gramáticos e por linguistas. Para os linguistas, o item *onde* contribui para a coesão e organização do discurso. É a partir dos estudos de Kersch (1996) sobre o “*onde* discursivo” que a autora propõe a análise do item em uma nova perspectiva — a da organização do discurso — na qual ela procura investigar a atuação desse item na articulação de segmentos discursivos.

Em 2002, a autora já havia buscado explicar o funcionamento do *onde* no discurso a partir da proposição da relação de tópico e comentário, a qual, para o Modelo de Análise Modular do Discurso, ocorre quando um constituinte subordinado expressa um comentário em relação ao constituinte principal que o precede, conforme se exemplifica no seguinte trecho:<sup>12</sup>

- (b) A radicalização do ensino na sua forma tradicional, *onde* a gramática está em posição de destaque, deve ser vista, de forma a dedicar maior parte do tempo para trabalhos com obras e textos de todos os níveis, os quais a gramática encontra-se implícita e o aluno possa desenvolver seu raciocínio, sem censuras, tornando-se um brilhante escritor, os que possuem talento, e verdadeiros conhecedores da língua materna.

Em 2005, a autora aprofunda seus estudos e propõe as seguintes funções para o conector *onde* na articulação discursiva: o uso do *onde* como relativo e o uso do *onde* como argumentativo. O *onde* como relativo estabelece uma relação de tópico e comentário, e ocorre conforme já explicitado acima. Como relativo, também pode referir-se a uma informação que tende a apresentar um semantismo locativo, retomando uma informação dada anteriormente (explícita ou implicitamente), fundada numa noção de lugar que não se limita a um lugar físico ou concreto, mas à localização, noção que remete a espaço nocional, tempo, posse e evento. O *onde* como conector argumentativo ocorre em contextos argumentativos, introduzindo um constituinte discursivo no qual se apresenta um argumento em relação ao

---

<sup>12</sup> Trecho retirado de (MARINHO, 2005, p. 20).

constituente precedente. Como conector argumentativo, apresenta relação de causa ou conclusão referente a uma informação presente ou inferida no contexto. Com valor de conclusão ou resultado, faz o papel de um conector argumentativo do tipo *portanto* ou *de (tal) modo que*. Com valor de causa, introduz um argumento em relação ao constituinte precedente, podendo ser substituído por *porque/visto que*. Por fim, como um conector argumentativo do tipo conclusivo, pode ser usado sem se restringir ao segmento que o precede, podendo fazer o papel de *portanto/de modo que*.

Enfim, após termos apresentado as teorias que serviram de base para este estudo, apresentamos, na próxima seção, a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, buscando explicitar os passos seguidos por nós para que nossos objetivos fossem alcançados.

## **METODOLOGIA**

Conforme explicitado na *Introdução* e na *Fundamentação Teórica* do presente artigo, tem-se observado que o item *onde* vem passando por um processo de gramaticalização, exercendo diferentes funções daquelas estabelecidas pela gramática normativa. A fim de demonstrar tal processo e de contemplar nossos objetivos, recorreremos a alguns movimentos metodológicos que nortearam nossos estudos.

O primeiro deles procurou contemplar o primeiro objetivo deste estudo, estabelecendo os usos normativamente adequados do *onde*, discutidos a partir das concepções trazidas pelas gramáticas normativas de Cegalla (2007), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009). A fim de contemplar o segundo e terceiro objetivos, selecionamos dez excertos retirados de textos acadêmicos, dentre os quais sete deles foram publicados na plataforma *Google Scholar* (Google Acadêmico) e os outros três foram retirados de textos estudados em disciplinas realizadas no 5º período do curso de Letras da PUC Minas. Como um dos nossos objetivos era identificar nesses textos usos do *onde* que não se aplicam ao que está prescrito na gramática normativa, decidimos adotar este objetivo como critério para a seleção dos excertos. Para entendermos os usos do *onde* decorrentes do processo discursivo, recorreremos a Marinho (1998, 1999, 2002, 2005), que nos serviu como norte para a investigação das funções que esses usos exercem no funcionamento do texto e do discurso.

Enfim, com os conceitos estabelecidos pela perspectiva normativa e linguístico-discursiva, foi possível exemplificar conceitos discutidos pelos autores aqui apresentados e aplicá-los aos excertos em análise, possibilitando a comparação dos usos do *onde* prescritos pela gramática normativa, com os usos do *onde* decorrentes do processo discursivo, atingindo assim o último objetivo deste trabalho.

## ANÁLISE DO CORPUS

Para a análise deste *corpus*, baseamo-nos nas categorias analíticas propostas por Marinho (1999), além de utilizarmos os seus estudos de 2005, que levam em conta o *funcionamento do onde no discurso*, conforme já evidenciado na *Fundamentação Teórica* deste artigo.

Os excertos analisados foram extraídos de textos acadêmicos, sendo os exemplos em (1), (2), (3), (4), (5), (6) e (7) retirados de artigos acadêmicos publicados na plataforma *Google Scholar* (Google Acadêmico) e os exemplos (8), (9) e (10) retirados de textos estudados em disciplinas do curso de Letras.

No primeiro excerto, encontramos o item *onde* atuando como *conector em que, no qual*, responsável pela retomada de um referente, estabelecendo uma relação de *explicação/justificação* com a proposição que o precede:

- (1) A produção científica, antes de ser divulgada nos periódicos, passa por processo de avaliação criteriosa, *onde* são selecionados, dentre os estudos apresentados, aqueles cujos resultados são originais, inovadores e que possibilitam o avanço técnico-científico, considerando-se, ainda, o propósito da revista científica que é publicar resultados de investigações que já tenham sido devidamente comprovados e validados e que tenham suficiente importância para garantir o custo da publicação.

Podemos analisar que, em (1), o *onde* não somente faz uma retomada anafórica, como também introduz uma explicação sobre o elemento que o precede — processo *de avaliação criteriosa* —. O *onde* é utilizado para introduzir a explicação sobre o que é esse processo e como ele aconteceu. Em vista disso, como se trata de um uso explicativo, ele está exercendo o mesmo papel que realizariam as conjunções *em que, no qual*.

A partir desse exemplo, podemos perceber que o *onde* está ganhando um uso que ainda não está prescrito na gramática normativa, isto é, um uso que vai além do determinado pela gramática em dois níveis de interpretação: o primeiro é que, devido ao seu uso não estar retomando um lugar físico, ele deixaria um vácuo a ser preenchido; o segundo seria o fato de a semântica de essa palavra estar bastante relacionada a um lugar, ela traz nesse uso a noção de demarcação de território, que seria preenchida pela explicação sobre a delimitação do que foi feito naquele processo.

No exemplo (2), podemos observar o item *onde* sendo utilizado para estabelecer uma *relação de tópico e comentário*, que ocorre quando um constituinte subordinado expressa um comentário em relação ao constituinte principal que o precede, segundo o que afirma Marinho (2005):

- (2) Trabalhos de conclusão de disciplinas *onde* os professores enfatizam a incorporação e aplicação de um corpus compartilhado de conhecimentos, muitas vezes, não oferecem aos alunos de pós-graduação *feedback* sobre estes aspectos da sua escrita, deixando ‘escondida’ a maneira como podem direcionar o que escrevem para um público acadêmico mais amplo, menos familiar e mais crítico ao qual devem se dirigir nas apresentações em congressos e nas publicações em periódicos.

O excerto acima poderia ser facilmente reescrito de forma que não utilizássemos o item *onde* “Trabalhos de conclusão de disciplinas, muitas vezes, não oferecem aos alunos de pós-graduação *feedback* sobre estes aspectos da sua escrita, deixando ‘escondida’ a maneira como podem direcionar o que escrevem para um público acadêmico mais amplo, menos familiar e mais crítico ao qual devem se dirigir nas apresentações em congressos e nas publicações em periódicos.”, o que confirma que o segmento introduzido pelo *onde* pode ser considerado apenas uma informação secundária do ponto de vista da relevância tópica, podendo ser suprimida.

No excerto (3), assim como no excerto (1), o *onde* está funcionando como um elemento anafórico que introduz uma explicação. Em (3), o *onde* está sendo utilizado para retomar “desse último tipo de autoridade” que, por sua vez, explica o que vem a ser o termo “racional-legal”, de forma a deixar claro o seu sentido:

- (3) Numa outra linha, Weber (2003) analisou o desenvolvimento e as formas de exercício das autoridades tradicional, carismática e racional-legal. Ele se

deteve na burocracia, que é a expressão desse último tipo de autoridade, *onde* o poder é a obediência à autoridade legítima reconhecida pelos participantes.

No trecho anterior, é interessante notar que o *onde* aparece como um *lugar abstrato* (ver nota 6) em oposição a outros lugares abstratos — autoridade tradicional e autoridade carismática—, explicitando que há uma forma de funcionamento diferente entre elas, uma delimitação, ao mesmo tempo que explica o funcionamento da forma “racional-legal”, em que o poder é a obediência à autoridade legítima reconhecida pelos participantes.

No excerto (4), o *onde* funciona como elemento anafórico que traz uma informação adicional a respeito da palavra *Antiguidade*. Isso mostra que o uso do *onde* vem trazendo uma noção de delimitação de tempo que é própria da palavra *Antiguidade*, que tem essa noção por uma delimitação histórica:

- (4) A amizade, aliás, esteve sempre muito ligada ao amor, na Antiguidade, *onde* os amantes eram denominados amigos, nas canções medievais, as Cantigas de Amigo, no francês moderno e seu petit(e) ami(e), e inúmeros outros exemplos.

No caso anterior, o *onde* poderia ser substituído pela palavra *quando*, o que seria correto segundo a gramática normativa, sem que o texto tivesse perda de sentido. Marinho (1999) já apontava essa substituição de *quando* por *onde*, que tem funcionado como elemento anafórico em uma sentença, porém retomando um termo sem referência *a lugar em que*, sendo empregado ora no lugar de *em que* — como já demonstrado no exemplo (1) —, ora no lugar de *quando*.

No excerto (5), assim como em (3), o *onde* tem a função de retomar uma localização abstrata, dessa vez caracterizada pelo referente “estágios de produção textual”. Nesse excerto, o uso do *onde* no lugar de *em que* pode ser observado duas vezes, mostrando que há uma naturalização desse uso, como já apontava Marinho em 1999:

- (5) Por terem se tornado importantes nesta turma, discuto, a seguir, os conceitos de voz do autor e de marcas linguísticas, bem como a importância que esses conceitos possuem, em termos mais gerais, à medida que os alunos migram de estágios da produção textual *onde* os critérios parecem mais evidentes para estágios *onde* os critérios parecem mais “escondidos”.

Se substituíssemos o *onde* por *em que* no trecho acima, não haveria mudança de sentido. Entretanto, a não utilização de *em que* também não atrapalha o entendimento do texto como um todo, sendo possível que ocorra o processo de textualização por parte dos leitores.

No excerto (6), encontramos o *onde* na condição de item remissivo — retomando não um elemento, mas a ideia expressa na sentença que o precede — como Marinho (1999) já havia apontado em excertos analisados em seus estudos:

- (6) Tendo em vista as diferentes concepções sobre a inserção das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, *onde* uns as defendem e outros as negam, não há ainda uma segurança no meio escolar ao incluí-las em seus planos.

Aqui temos um uso do *onde* que retoma toda uma sentença — “as diferentes concepções sobre a inserção das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem” —, sendo este uso inadequado, considerando-se a gramática normativa. A gramática normativa prescreve o uso da locução conjuntiva *em que* no lugar do *onde* nessa sentença.

É interessante notar como o uso do *onde* parece estar ligado a uma concepção restritiva, no sentido de delimitar o seu referente semanticamente. Ora, se há “diferentes concepções sobre a inserção das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem”, significa que as visões não são unânimes, mas, sim, contraditórias, porém, como o uso do *onde* exige uma explicação sobre seu referente, foi posta a seguinte informação “uns as defendem e outros as negam” que, na verdade, não acrescenta muito sentido à sentença principal, mas delimita ainda mais os limites dessas diferentes concepções. Portanto, mais uma vez, o *onde* mostra sua natureza locativa abstrata, pois seu uso exige uma delimitação abstrata do assunto.

No excerto (7), o uso do *onde* vem retomar o termo “âmbito de práticas” e explicá-lo. O referido “âmbito de práticas” está relacionado a práticas que se promovem na área da educação em saúde. Essas práticas, como diz o texto, não se restringem ao espaço convencionalmente reconhecido como setor saúde. O termo *onde* foi usado para ampliar, ou distinguir o âmbito de práticas da “educação em saúde”, das práticas que se realizam somente dentro do “setor saúde”:

- (7) A educação em saúde, então, é prática privilegiada no campo das ciências da saúde, em especial da saúde coletiva, uma vez que pode ser considerada no âmbito de práticas *onde* se realizam ações em diferentes organizações e instituições por diversos agentes dentro e fora do espaço convencionalmente reconhecido como setor saúde.

Nesse caso temos um uso diferente dos vistos até agora em um ponto: os outros delimitavam o espaço (abstrato), e esse não delimita, mas amplia e contrapõe a outro lugar — os espaços convencionalmente reconhecidos como setor da saúde —. Aqui podemos perceber que o *onde* foi utilizado para explicar que o âmbito de práticas da saúde em educação é mais amplo do que o âmbito de práticas convencionais da saúde, pois se “realizam ações em diferentes organizações e instituições”, diferentes das instituições convencionais ligadas à área da saúde “por diversos agentes dentro e fora do espaço convencionalmente reconhecido como setor saúde.” Trata-se de um uso muito interessante, pois vem ampliar a nossa noção de espaço. Quando pensamos em saúde como espaço, lembramo-nos de hospitais, mas, neste caso, o *onde* vem trazer a noção de lugar e ampliá-la de forma a entendermos que o espaço das práticas relativas à educação da saúde é mais amplo em outras instituições que não sejam hospitais. Esse uso pode ser, portanto, entendido como um uso ampliador ou de contraposição de espaços abstratos.

No excerto (8), o item *onde* está realizando a função que é direcionada aos pronomes relativos *em que* e *no qual*, uma vez que esses pronomes são palavras que representam substantivos já referidos e não fazem menção a local físico. O pronome relativo *onde* está retomando o trecho “processo de decisão surgido no seio do governo com a participação da sociedade civil”:

- (8) Uma política pública implica o estabelecimento de uma ou mais estratégias orientadas à solução de problemas públicos e/ou à obtenção de maiores níveis de bem-estar social. Resultam de processo de decisão surgido no seio do governo com a participação da sociedade civil, *onde* são estabelecidos os meios, agentes e fins das ações a serem realizadas para que se atinjam os objetivos estabelecidos.

Devido à falta de referências físicas de local no excerto explicitado, podemos observar que o seu uso no trecho acima é indevido, prescrito em regra normativa, mas não atrapalha em nada a compreensão e a coesão do texto. Na verdade, ele vem para explicar o que acontece nesse “processo”, ou seja, são estabelecidos os meios, agentes e fins das ações

a serem realizadas para que se atinjam os objetivos estabelecidos. Portanto, aqui o *onde* é utilizado para explicar o que acontece no “processo de decisão surgido no seio do governo com a participação da sociedade civil”, enquanto significa esse “processo” como um espaço de tempo (lugar abstrato).

No excerto (9), o pronome relativo *onde* também está evidenciando um local nocional/abstrato — em razão de sua retomada ao trecho “mera competição” — *introduzindo* uma explicação do que seria uma “mera competição”, que é uma disputa a partir de um acordo comum sobre as regras:

- (9) O conflito é bastante diferente, pois é uma forma de interação de natureza antagônica. Não é uma situação de uma mera competição *onde* as partes estão disputando a partir de um acordo comum sobre as regras.

Ora, “regras” determinam o que pode e o que não pode acontecer para delimitar algo, por exemplo, no futebol a regra régia é que a bola só pode ser jogada com os pés, se os jogadores jogassem com as mãos já não seria futebol, mas sim handebol. Dessa forma, o uso do *onde* delimita a “mera competição” em um lugar abstrato com suas próprias regras, de forma que se trata de uma competição comum e não de outro tipo de competição com outras regras. Portanto, o item *onde* explica o que é a “mera competição” por meio da delimitação do que ela é. A aplicação do pronome relativo *onde* nesse excerto não faz retomada de um antecedente com ideia de espaço físico, mas, sim, nocional, assim, ele está exercendo uma função que não é normativamente destinada a ele.

No excerto (10), podemos perceber o item *onde* sendo utilizado para retomar “um sistema de relações de sentido”, sendo esse uso um dos vários exemplos de como o *onde*, mesmo que esteja sendo usado de forma incorreta segundo a gramática normativa, não interfere na produção de sentido do texto:

- (10) A linguagem é um sistema de relações de sentido *onde*, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um.

No excerto acima, “um sistema” — que é o núcleo do referente — é um perfeito exemplo de espaço abstrato, pois todo sistema deve ser coerente, com regras próprias de funcionamento, para diferenciá-lo de outros sistemas com outras regras. As regras delimitam

o que pode ocorrer dentro de um espaço físico ou abstrato, estando elas próprias como uma metaprogramação do que pode e do que não pode ocorrer para que esse sistema exista e não seja outro sistema. Dessa forma, o uso do *onde* corrobora a compreensão do seu referente, porque esse “sistema de relações de sentido” tem suas próprias regras de funcionamento, é delimitado e toda delimitação serve para marcar uma espécie lugar, mesmo que abstrato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos os usos do *onde* em textos acadêmicos e com base nas discussões aqui trazidas por nós, podemos concluir que o item *onde* está realmente passando por um *processo de gramaticalização*. Percebemos que, nesse processo, está naturalizado o seu uso para retomar um lugar não físico, podendo ser este um lugar abstrato/nocional ou temporal.

Conforme as análises aqui feitas, percebemos que o uso do *onde* traz, na maioria dos casos, uma delimitação sobre seu referente e essa delimitação está ligada a uma noção de lugar abstrato, em que as fronteiras são explicitadas pelo que o *onde* vem introduzir.

Concluimos que o *onde*, conforme nosso *corpus* analisado, pode atuar com os seguintes papéis, quando se leva em conta a sua articulação discursiva: pode atuar como *conector no qual, em que*, responsável pela retomada de um referente, estabelecendo uma relação de *explicação/justificação* com a proposição que o precede; pode ser usado para estabelecer uma relação de *tópico e comentário*; pode funcionar como elemento *anafórico* que traz uma informação adicional, retomando uma palavra que carrega a noção de localização temporal; pode retomar um *lugar abstrato*, sendo utilizado no lugar de *em que*; pode funcionar na condição de item *remissivo* — retomando não um elemento, mas a ideia expressa na sentença que o precede; pode funcionar como *ampliador de um espaço abstrato* que se contrapõe a outro espaço abstrato; e, enfim, pode funcionar como elemento *anafórico* que retoma um local nocional/abstrato, introduzindo uma explicação sobre o referente.

Em suma, as análises aqui feitas demonstraram que o uso do *onde* vai muito além do que está previsto na gramática normativa. Além disso, na maioria dos casos, os seus usos não comprometem a coerência e a coesão textuais, sendo possível que o leitor estabeleça relações entre os termos por ele retomados “uma vez que as pessoas sabem que, para um conjunto de palavras constituir um texto, é preciso que esse conjunto pareça aos interlocutores um todo

articulado e com sentido, pertinente e adequado à situação de interação em que ocorre” (COSTA VAL, 2004, p. 3).

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. *In*: CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias; PEREIRA, Rony Farto; ZANCHETTA JR, Juvenal. **Pedagogia Cidadã**: cadernos de formação: Língua Portuguesa. v. 1. São Paulo: UNESP. Pró-Reitoria de Graduação, 2004, p. 113-128.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

MARINHO, Janice Helena Chaves. A atuação do *onde* na articulação discursiva. *In*: SARAIVA, Maria Elisabeth Fonseca; MARINHO, Janice Helena Chaves (org.). **Estudos da língua em uso**: relações inter e intra-sentenciais. Belo Horizonte: BELU, GREF, FALE/UFMG, 2005.

MARINHO, Janice Helena Chaves. Coesão textual: o articulador *onde*. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte: UFMG, v. 18, n. 23, p. 209-222, jul./dez. 1998.

MARINHO, Janice Helena Chaves. **O funcionamento discursivo do item “onde”**: uma abordagem modular. Tese (Doutorado), FALE/ UFMG, Belo Horizonte, 2002.

MARINHO, Janice Helena Chaves. O uso do *onde* no texto acadêmico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte: FALE/UFMG, v. 8, n. 1, p. 159-170, jan./jun. 1999.